



A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA NAS CLASSES DE EJA, NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO FREIRIANO

Lílian da Mata ¹; Marcela da Silva Santana²

¹ Especialista em Educação do Campo, Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / Centro Acadêmico de Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial Paulo Freire (CAECDT), Coordenadora Pedagógica Municipal da Regional Poço Grande – Araci/BA.

liliandamata@gmail.com;

² Mestranda em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB)

marcelasanatana@gmail.com

EIXO TEMÁTICO 3: CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSOR NA EJA

RESUMO

O presente trabalho discute a função social da leitura nas classes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Educação do Campo, à luz do pensamento freiriano. Parte-se da compreensão de que o ato de ler, para Paulo Freire, transcende a decodificação de palavras, configurando-se como leitura de mundo e prática emancipatória. A pesquisa, de caráter bibliográfico e reflexivo, propõe um diálogo entre os princípios da pedagogia freiriana e os desafios da EJA, considerando as especificidades socioculturais do campo. A partir da análise de autores como Freire (1989, 2001), Caldart (2005), Arroyo (2007) e Durante (1998), discute-se a leitura como prática social, o papel do currículo como espaço de disputa e a formação de professores como campo estratégico para a consolidação de uma educação libertadora. Os resultados apontam para a urgência de práticas pedagógicas humanizadoras, que reconheçam o sujeito da EJA como portador de saberes, memórias e experiências de vida, reafirmando o compromisso ético e político da educação como prática de liberdade.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho nasce da inquietação de uma educadora do campo, alfabetizadora, professora da EJA e coordenadora pedagógica, que há anos acompanha as trajetórias formativas de jovens, adultos e idosos nos territórios do sisal, da seca, do licuri, das pescarias e das farinhadas. O desejo de repensar a formação de professores da EJA e valorizar o caráter emancipatório da leitura motivou a reflexão aqui apresentada.

Compreender a leitura como ato social e político, como propõe Paulo Freire, é compreender também que o currículo e a formação docente não são neutros, mas espaços de poder, escolhas e disputas. Ambos expressam visões de mundo e concepções de sociedade. Inspirada no pensamento freiriano, esta discussão propõe o diálogo entre leitura, currículo e formação de professores, articulando as especificidades da EJA do



Campo às necessidades formativas de seus sujeitos e à luta por uma educação contextualizada, crítica e libertadora.

2. QUEM SÃO OS SUJEITOS

Os sujeitos que inspiram esta reflexão são os educandos e educadores da EJA do Campo trabalhadores, agricultores, pescadores, mães, pais, idosos e jovens —, cujas trajetórias de vida se entrelaçam às lutas por dignidade, terra e saber. São sujeitos que carregam consigo uma leitura prévia do mundo, construída na prática cotidiana, nas relações de trabalho e nas experiências comunitárias.

O olhar também se volta para os professores da EJA, muitas vezes formados em cursos que não reconhecem a complexidade de ensinar jovens e adultos. A ausência de uma política consistente de formação docente específica para a EJA do Campo repercute em práticas descontextualizadas e em currículos que não dialogam com as realidades dos educandos.

A autora, enquanto educadora e pesquisadora, insere-se nesse coletivo, buscando compreender como as práticas de leitura podem ser ressignificadas à luz da pedagogia freiriana, em diálogo com a vida, o território e a história.

3. PROBLEMA DE PESQUISA

Como a concepção freiriana de leitura pode contribuir para ressignificar as práticas pedagógicas, o currículo e a formação docente na EJA da Educação do Campo, fortalecendo a função social e emancipatória do ato de ler?

4. OBJETIVOS

Geral:

Analisar a função social da leitura nas classes de EJA na Educação do Campo, à luz do pensamento de Paulo Freire, articulando-a às dimensões do currículo e da formação de professores.

Específicos:

Compreender a concepção freiriana de leitura como prática de libertação;

Refletir sobre as implicações históricas e pedagógicas da EJA no contexto baiano;

Discutir o currículo como espaço de construção coletiva do saber e da identidade do campo;

Analisar as contribuições de Freire e de autores da Educação do Campo para a formação docente e para o fortalecimento das práticas leitoras emancipadoras.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

A pesquisa se fundamenta nos princípios da pedagogia freiriana, especialmente em A importância do ato de ler (1989) e Pedagogia da Autonomia (2001), que concebem a leitura como prática social e política.



Freire defende que “a leitura da palavra é precedida pela leitura do mundo” e que ambas se entrelaçam no processo de conscientização do sujeito. Nessa perspectiva, o ato de ler implica reconhecer-se no mundo e transformá-lo.

Dialogam com essa base teórica autores como Caldart (2005) e Arroyo (2007), que articulam a Educação do Campo à luta por justiça social, afirmando que o currículo do campo deve nascer das realidades e das necessidades concretas das comunidades, e não ser mera transposição do urbano.

Durante (1998) e Palacios (1995) contribuem ao destacar que a leitura e a educação popular são instrumentos de transformação social, exigindo educadores conscientes de seu papel político.

Santos (2017) e Rosário e Silva (2004) permitem compreender a trajetória histórica da EJA, marcada por políticas descontínuas e pela ausência de um projeto nacional de formação docente, o que reforça a necessidade de uma pedagogia crítica.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

análises indicam que a leitura, no contexto da EJA do Campo, deve ser compreendida como prática humanizadora e libertadora, capaz de dar voz aos sujeitos e de fomentar a autonomia intelectual e política.

O educando da EJA não começa a ler na escola: ele amplia, no espaço escolar, o repertório de leituras que já carrega de sua vivência, o calendário da roça, as feiras livres, os rituais religiosos, as reuniões comunitárias, as histórias contadas à beira do fogo.

O papel da escola é reconhecer essas leituras e integrá-las ao currículo, superando a visão de leitura como técnica e assumindo-a como experiência de mundo.

No entanto, as práticas escolares ainda revelam a permanência de currículos fragmentados e descontextualizados, marcados pela infantilização da EJA e pela ausência de diálogo entre o conteúdo escolar e os saberes do campo.

Conforme Arroyo (2007), a EJA precisa ser espaço de escuta e reconhecimento, onde o currículo se constrói com os sujeitos, e não sobre eles. Caldart (2005) reforça que o currículo da Educação do Campo é fruto da luta social e deve expressar o protagonismo das comunidades camponesas.

No que se refere à formação docente, os desafios são ainda mais urgentes. A ausência de políticas específicas para a formação de professores da EJA do Campo leva à reprodução de práticas despolitizadas, que não valorizam a experiência dos educandos.

Formar educadores na perspectiva freiriana implica construir sujeitos críticos, sensíveis às contradições do território e comprometidos com o diálogo e com a transformação da realidade. Freire (2001) propõe uma formação que una rigor científico e compromisso ético, em que o professor se reconheça como sujeito político e não mero transmissor de conteúdos. Essa dimensão é essencial para que a leitura, enquanto ato de conhecimento, se torne também um ato de libertação.

7. CONCLUSÃO



A leitura, na perspectiva freiriana, é um ato político e de resistência. Nas classes de EJA do Campo, ela assume uma função social fundamental: promover a autonomia, a consciência crítica e o empoderamento dos sujeitos historicamente silenciados.

Entender o currículo como espaço de diálogo e a formação docente como prática de compromisso social significa recolocar a EJA no centro das políticas públicas e das reflexões pedagógicas. A leitura, quando vivenciada como prática de mundo, contribui para a construção de identidades, para o fortalecimento das comunidades e para a afirmação da dignidade humana.

Assim, reafirma-se que ler o mundo e a palavra é também um ato de esperança e a EJA, no campo, é um território fértil para semear essa esperança em forma de conhecimento, partilha e libertação.

Palavras-chave: EJA; Leitura; Educação do Campo; Formação Docente.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. G. Ofício de mestre: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- DURANTE, M. Paulo Freire: vida e obra. São Paulo: Moderna, 1998.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- HELB. História da Educação na Bahia. Plataforma de estudos, 2016.
- PALACIOS, J. Educação popular e transformação social. São Paulo: Loyola, 1995.
- ROSÁRIO, M.; SILVA, S. História da Educação de Jovens e Adultos na Bahia. Salvador: EDUFBA, 2004.
- SANTOS, E. História da EJA no Brasil. Brasília: MEC, 2017.
- SILVA JÚNIOR, J. Educação, cultura e poder: perspectivas freirianas. Salvador: EDUFBA, 2016.